



O SERVIÇO SOCIAL NUMA EXPERIÊNCIA DE UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA

DOI: <http://dx.doi.org/10.17058/barbaroi.v0i59.16987>



Mirian Neves da Silva

Entrevistado - Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC – Brasil

César Hamilton Brito de Goes

Entrevistador - Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC – Brasil

Marco André Cadoná

Entrevistador - Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC – Brasil



Resumo:

Na entrevista, a professora Mirian Neves da Silva relata aspectos de sua trajetória profissional na Universidade de Santa Cruz do Sul, em especial sua participação enquanto professora e coordenadora do Curso de Serviço Social. Trata-se de um relato que propõe reflexões acerca das dificuldades e das ações implicadas na construção de um curso de Serviço Social numa Universidade Comunitária. Mas vai além, expressando também preocupações necessárias com as mudanças que ocorrem na organização do ensino universitário do Serviço Social, num contexto de inovações tecnológicas e de tendência de aumento da participação da modalidade de EAD na Universidade.

Palavras-chave:

Serviço Social, Universidade Comunitária, Inserção Comunitária, EAD.

Entrevistadores:

Professora Mirian. Primeiro, queremos dizer que essa entrevista é resultado de um projeto que nós, professores e professoras do agora extinto Departamento de Ciências Humanas, decidimos executar, com o objetivo de registrar a existência de um Departamento de Ciências Humanas na UNISC. Mas, também, para impulsionar reflexões sobre Universidade, Universidade Comunitária, as ciências humanas na formação universitária. Um primeiro

Barbarói, Santa Cruz do Sul, n.59 - número especial, p.<213-238>, Ago./Set. 2021

momento desse projeto compreendeu a publicação de um número especial da Barbarói, com artigos de professores e professoras que, em 2019, atuavam ou já tinham atuado no Departamento de Ciências Humanas. Nesse segundo momento, então, nossa proposta é construir um relato coletivo sobre o Departamento, registrando sua história, seus cursos, a participação de seus professores na gestão da UNISC. E decidimos entrevistar alguns colegas ou ex-colegas, escolhidos pelos vínculos que tiveram/têm com os cursos do Departamento ou, então, pela participação política na UNISC. Além das entrevistas com esses colegas, a proposta é publicar também entrevistas com a professora Carmem Lúcia, atual Reitora, e com o professor Thomé, ex-Reitor. Com essas duas entrevistas conseguiremos alcançar todos os colegas que ocuparam o cargo de Reitor; já que Luiz Augusto (nosso colega de Departamento) também será entrevistado e republicaremos um artigo do professor Wilson (primeiro Reitor, já falecido).

Nossas entrevistas, professora Mirian, seguem um roteiro previamente construído. Nesse roteiro procuramos provocar reflexões sobre as trajetórias profissionais na UNISC; sobre a experiência de Universidade Comunitária, os desafios e os limites implicados nessa experiência histórica de construção das instituições universitárias no Brasil; sobre a crise da Universidade, em especial a Universidade Comunitária, na atualidade; sobre a história do Departamento de Ciências Humanas na UNISC e a atual dissolução do Departamento e sua “imersão” numa nova estrutura organizacional na UNISC; e, é claro, sobre as humanidades na formação universitária, em especial e considerando a experiência de Universidade Comunitária. Então, a proposta é que possamos conversar sobre essas questões.

Antes de iniciar queremos agradecer às professoras Maira e Eunice que, desde o início, nos ajudaram na definição de seu nome para uma conversa sobre o curso de Serviço Social, e que gentilmente estão nos acompanhando neste momento.

Pois bem. Vamos propor, então professora Mirian, que você nos fale um pouco sobre sua inserção profissional na UNISC. Em que momento chega na UNISC, quais os principais momentos da sua passagem pela Universidade, qual a avaliação que você faz dessa trajetória enquanto professora e gestora na Universidade?

Mirian Neves da Silva:

Minha aproximação com a UNISC creio que se deu em 1998 ou 1999, através do professor Seno Cornely, assistente social já falecido, que hoje dá nome ao Diretório Acadêmico do curso de Serviço Social. Ao que sei, ele foi um dos mentores do curso, que auxiliou na elaboração do primeiro projeto pedagógico. Professor Seno era um grande entusiasta da proposta diferenciada de universidade e me dizia que valia muito a pena trabalhar na UNISC. Naquela ocasião eu achava Santa Cruz do Sul muitíssimo longe de Porto Alegre e, por outro lado, não havia recebido nenhum convite. Aí, acho que em 2002, esse convite me chega através da professora Eunice, que já lecionava no curso. Havia a possibilidade de contratação de um professor para a disciplina de planejamento, área de meu interesse e na qual eu trabalhava.

Então, foi quando a aproximação se deu de fato. Cheguei no curso em 2003, quando ainda não se tinha formado a primeira turma, e fiquei até 2015, quando me aposentei. E nesse

período muita água rolou. Trabalhei com mais ênfase na docência, um pouco em pesquisa e mais na extensão, que é a área acadêmica de maior afinidade ao perfil do curso.

Na gestão do curso, já no início desse período, atuei como subcoordenadora, sob a coordenação da professora Eunice, com quem aprendi muito. Depois assumi a coordenação na gestão de 2006 a 2008. Em 2011, a então coordenadora se desligou por estar concursada em outra universidade e assumi o restante de seu mandato. Também conclui o mandato de coordenação do curso da professora Maira, por ocasião de sua licença maternidade, uma vez que era sua subcoordenadora. Estar na gestão do curso, quer como coordenadora ou sub, foi uma experiência muito rica para mim. Me ensinou muito. E acredito que essa alternância de professores na gestão do curso traz sempre uma oxigenação e gera uma troca muito boa de saberes.

Entrevistadores:

Antes de sua vinda, já conhecia a UNISC? Já tinha alguma experiência, algum contato com esse projeto de Universidade Comunitária?

Mirian Neves da Silva:

Eu conhecia pouco, assim, de ouvir falar, pelo professor Seno Cornely. E sabia que era uma proposta interessante. Aliás, meu primeiro conhecimento foi sobre a FISC. Quanto a UNISC, com a dimensão que tem, fui conhecer mesmo quando comecei a dar aulas. Aí comecei a entender qual era exatamente a diferença entre uma universidade comunitária e as universidades pública e particular.

Com a vivência na UNISC aprendi sobre os valores e propósitos de uma universidade comunitária e me identifiquei muito. E achei muito bom trabalhar dentro dessa perspectiva. Sobretudo essa ideia de desenvolvimento regional, que estava presente na UNISC. Isso me interessava muito, e acho que coincidia com o interesse do curso de Serviço Social e com o interesse da profissão. O curso de Serviço Social da UNISC sempre teve por prática trabalhar com a dimensão municipal e regional. Porque a gente tinha alunos, não sei se ainda tem, procedentes de inúmeros municípios dos Vales do Rio Taquari e do Rio Pardo. Nosso esforço sempre foi o de aproximar os alunos à realidade social de seus municípios. Tanto nas disciplinas, nas quais algumas tinham a complementação de visitas de observação, quanto nos estágios, cujos campos estavam espalhados nos municípios de origem dos alunos, além de Santa Cruz.

Entrevistadores:

Se considerarmos as suas primeiras impressões sobre a UNISC, quando chegou na Instituição, e as impressões que tinha quando saiu, você identificaria mudanças?

Mirian Neves da Silva:

Como eu saí da UNISC em 2015, tenho cinco anos de defasagem. Tenho uma ou outra informação, como essa, inclusive, de que não existe mais o Departamento de Ciências Humanas. O que me deu muita tristeza. Acho que muita coisa se modificou nesse período mais recente, até porque no cenário universitário, de uma maneira geral, aconteceram muitas mudanças. Eu acho que durante esse período em que eu trabalhei na UNISC havia esse perfil comunitário e havia um esforço para que ele se consolidasse. Penso que a partir do momento em que começaram os cursos em EAD, que se apontava como uma tendência nacional para quase todos os cursos de graduação, começou a minar a ideia de universidade comunitária. Porque no ensino à distância os alunos são procedentes de diferentes lugares: deixa de ter essa identidade, esse comprometimento com o desenvolvimento regional, que eu acho que sempre foi o forte da UNISC. Isso sem contar com certa padronização no ensino.

Isso tudo falo baseada em minha suposição e percepção, porque na realidade não acompanhei o processo de mudança. Não sei em que medida essa tendência nacional atinge diretamente a UNISC, e a faz se distanciar do desenvolvimento regional. Mas, quanto às outras características de uma universidade comunitária, penso que se mantêm, pois podem se manter, como a participação e o modelo democrático e participativo de gestão.

Entrevistadores:

Você colocou que sua primeira experiência enquanto docente universitária ocorreu na UNISC. Então, teve uma trajetória profissional fora da Academia. Como se deu isso e como essa experiência anterior contribuiu para sua inserção/atuação na Universidade?

Mirian Neves da Silva:

Sim, a UNISC foi minha primeira experiência acadêmica como docente, apesar de ter decorrido muito tempo entre minha graduação e pós-graduação. Me formei assistente social em 1970, pela Faculdade Paulista de Serviço Social. E, desde logo, meu interesse era o de atuar na execução de políticas sociais. Não me via com vocação acadêmica. Queria atuar em vários campos, e assim fui construindo minha carreira.

Meu primeiro trabalho foi junto ao Poder Judiciário, no então Juizado de Menores de Santo André, onde eu morava. Posteriormente, já em São Paulo, trabalhei na Prefeitura, na Coordenadoria de Bem-Estar Social e num hospital do governo do estado de São Paulo. Por último, ainda em São Paulo, ingressei na FUNABEM – Fundação Nacional de Bem-Estar do Menor, vinculada à época ao Ministério da Previdência. Posteriormente, a Fundação mudou de nome para FCBIA – Fundação Centro Brasileiro para Infância e Adolescência, e mudou também de vínculo, passando para o Ministério da Justiça. Em 1981, já casada e com dois filhos, nos mudamos para Porto Alegre, onde pude continuar exercendo as funções de Assistente Social na FUNABEM.

Mais tarde, comecei a exercer minhas atividades junto ao governo do estado do Rio Grande do Sul, e em algumas ONGs. Pouco antes de entrar na UNISC, atuei como gerente de projetos na ABMP – Associação Brasileira de Magistrados e Promotores de Justiça da infância e da juventude.

Mas, quando eu já estava no final dessa minha saga, resolvi ingressar no mestrado da PUC/RS. Isso foi em 1994, vinte e quatro anos depois de eu ter me graduado. Na ocasião, muitas pessoas achavam estranho ter vindo aquele gosto pela academia tão tardiamente. Mas, minha percepção era de que havia chegado o momento de fazer uma síntese, digamos, entre meu aprendizado prático, com uma certa metodologia, com um saber fazer, assim, mais elaborado.

Mas parei no mestrado. Não continuei a carreira acadêmica, ao contrário de todas minhas colegas com quem trabalhei na UNISC, que tinham doutorado. Mas isso não me fez sentir deslocada no departamento. Eu acho que a gente, claro, perde um pouco em qualificação, mas o que me interessava mais era realmente o fazer profissional.

Em toda minha trajetória profissional sempre atuei com planejamento e execução, e na maioria dos casos, em espaços da administração pública de assistência social e do sistema de justiça da infância e juventude. Essas experiências profissionais anteriores à UNISC, me valeram muito, sobretudo no conhecimento das instituições e das políticas sociais, ferramentas muito importantes para a docência e gestão de um curso.

Entrevistadores:

Mas na UNISC você inicia sua carreira enquanto professora. Que desafios se colocaram para você enquanto profissional do Serviço Social? Mas, também, como essa inserção contribuiu para problematizações acerca da própria visão que você tinha do Serviço Social?

Mirian Neves da Silva:

Olha, eu aprendi muito a partir da inserção na Universidade. Eu aprendi muito. Eu não estava totalmente preparada. Eu podia estar preparada em termos de transmissão de conhecimento. E com um pouco de conhecimento didático, vindo do mestrado. Mas, assim, a gestão, ou a maneira de ser da Universidade, isso, para mim, foi uma grande novidade. Eu me lembro das nossas primeiras reuniões de Departamento, que na ocasião tinha um grupo muito grande. No início eu me sentia perdida naquelas reuniões, pelos assuntos que se tratava lá, que eram as bolsas, os problemas de estudantes, os financiamentos, as pesquisas individuais, coisas que eu não tinha conhecimento e que constituem o fazer na Universidade. Então, eu participava com muita atenção daquelas reuniões, mal piscava o olho para poder absorver aquilo e aprender. Cheguei a pensar que eu estava no lugar errado.

Com o tempo percebi que o fato de desconhecer os meandros da vida acadêmica não me impedia de contribuir no processo de construção. Penso que pude levar para a Universidade a prática de gestão que já tinha acumulado na minha carreira profissional. Acho que eu pude

levar o meu conhecimento prático e o meu conhecimento de áreas específicas do Serviço Social, ferramentas que me auxiliaram muito na construção das disciplinas, nas orientações de alunos e na gestão do curso. Em contrapartida, aprendi muito da dinâmica de uma Universidade, de como funciona um curso, e aspectos da didática.

Como eu disse, eu cheguei na UNISC em 2003, através de um convite da professora Eunice, com quem eu havia trabalhado no governo do Estado. Na ocasião, o curso praticamente se encontrava nas mãos de duas professoras, as professoras Eunice e Sarita. Tinham poucas professoras naquele momento, pois o curso estava no comecinho mesmo. Nesse aspecto foi muito bom.

Em princípio, tive que me apropriar do projeto pedagógico do curso. Não bastava apenas preparar as disciplinas. Queria poder contribuir na avaliação desse projeto pedagógico, que aconteceu logo em seguida, em 2004. Então, foi muita informação ao mesmo tempo. Conhecer o papel, funcionamento e os integrantes do Departamento e como o curso de Serviço Social se inseria nele. Cheguei mais aprendendo do que ensinando e foi um aprendizado muito bom, enriquecedor. A gente trabalhava muito. Sempre trabalhou muito e acho que no curso ainda deve-se trabalhar muito. Muitas revisões que a gente fazia, muita mudança na grade das disciplinas, muita atualização.

E, em relação às minhas primeiras impressões sobre o curso, eu sentia que havia alguns problemas na grade curricular. Não me agradava muito o fato de haver muitas disciplinas sequenciais, como Fundamentos Teóricos e Metodológicos I, II, III e IV. Eu não conseguia entender qual era exatamente a intenção do conteúdo e qual era a expressão da totalidade daquelas disciplinas. Tanto é que foi bem aí que a gente trabalhou mais na mudança curricular posterior, redirecionando alguns conteúdos para algumas disciplinas, eliminando outras.

Mas era uma impressão boa, ainda que fosse uma impressão de que alguma coisa não estava muito adequada para a prática profissional. Porque eu vinha de uma experiência prática, e sentia que faltavam informações sobre as políticas sociais específicas para atuação do assistente social e sobravam disciplinas que tratavam dos fundamentos da profissão. No projeto pedagógico do curso existiam três núcleos: o núcleo epistemológico, um de fundamentos históricos da realidade (que tinha muitas disciplinas) e um outro núcleo, que era da formação do trabalho profissional, as áreas específicas do trabalho profissional. Esse último núcleo era o que eu tinha mais afinidade, obviamente, e foi a área em que eu mais atuei. Nas disciplinas desse núcleo, do fazer profissional. Mas eu custei para ter essa primeira impressão do curso, porque era muita informação simultaneamente. Era conhecer o Departamento, conhecer a proposta comunitária e as instâncias deliberativas da Universidade e sua inserção no âmbito regional. Quando ingressei havia alguns probleminhas, como a falta de professores e de um processo avaliativo do curso. Isso se foi construindo, e tive o privilégio de participar. Eu diria que em 2005, por aí, eu já estava com os pés totalmente no chão, me sentindo pertencente ao curso.

Entrevistadores:

O curso de Serviço Social na UNISC sempre teve poucos professores. O quanto isso, na sua avaliação, repercute no Curso, na própria construção de um Curso Universitário?

Mirian Neves da Silva:

Na verdade, o que eu sentia que era mais problemático é que o curso não tinha professores do Serviço Social com horas definidas. A maioria, como eu que entrei como horista, tinha uma demanda de trabalho que, em tese, não era compatível ao do horista, que se restringia ao período destinado às aulas. O núcleo das professoras assistentes sociais não dava somente aula, a gente participava de muitas instâncias no curso e na universidade. Então, eu acho que a grande queixa, o sentimento que eu tinha dentro do Departamento era a falta de disponibilidade de carga horária para as professoras do curso, comparada com a dos demais colegas. Eu acho que é isso.

E foi muita batalha para conseguir melhorar um pouco. Conseguimos muito parcimoniosamente algumas horas. Só se conseguia ter ingresso ao regime de horas quando se estava na gestão. E tendo horas na gestão e sendo também docente, vocês sabem que é complicado, porque essas horas são poucas para as duas funções. A meu ver, então, o problema maior do curso era esse. A falta de horas disponíveis para as professoras, aliada a uma carga de trabalho superior ao da docência, que fazia com que muitas perdessem interesse e ficassem no curso apenas um ano, no máximo dois. Houve muita rotatividade nesse período em que eu estava no curso.

Entrevistadores:

Mesmo com essa dificuldade de tempo, dificuldades de deslocamentos, de apropriação da complexidade administrativa da Universidade, quando você chegou na UNISC você trouxe uma experiência de atuação profissional que compreendeu, inclusive, períodos de transição no País e, mesmo, nos marcos profissionais do Serviço Social. É interessante pensar como você construiu noções acerca da atuação profissional no Serviço Social a partir desse contexto que compreende, inclusive, o processo de democratização no País.

Mirian Neves da Silva:

Entre o momento em que eu terminei a minha graduação, que foi em 1970, até o momento em que eu ingressei na Universidade, há uma mudança muito grande, tanto na legislação da profissão, no marco legal da profissão, como no marco teórico e ideológico. Estudei em um curso de matriz funcionalista, sem maiores teorizações acerca da questão social, hoje referência na formação do assistente social. Entre minha formação e a atuação na docência havia um desnível significativo, que pude aplainar a partir do meu mestrado, quando me apropriei mais do novo referencial.

Em relação às mudanças ocorridas na sociedade brasileira e no marco legal das políticas sociais, foi a minha prática profissional que me manteve atualizada, porque eu trabalhava nessa área desde sempre, quer na política da infância e da juventude, quer na assistência social. Na década de 80 e até meados de 90, estudar e ao mesmo tempo ajudar na implantação do Estatuto da Criança e do Adolescente no Rio Grande do Sul me exigiu o domínio dessa matéria. E me deu muita satisfação em poder participar de um novo modelo de abordagem institucional da infância e juventude.

Ainda no final dos anos 90, pude participar da construção e implantação de um novo modelo de financiamento e de gestão da recém-criada Política de Assistência Social, quando atuei como diretora de Assistência Social do Governo do Estado. Houve uma descentralização dessa política do governo federal para o estado, com a perspectiva da municipalização. Então, aí a gente trabalhou, estudou, se aprofundou muito, adaptando e criando estratégias de implantação de um novo sistema no Rio Grande do Sul, o SUAS. Então, esse crescimento, do ponto de vista da apropriação das alterações ocorridas nas políticas sociais, isso se deu fora da Universidade, no meu exercício profissional anterior. Mas pude, depois, transpor esse conhecimento para a Universidade dentro das disciplinas que eu ministrava, nas orientações de trabalhos de conclusão, e nas supervisões de estágios. Mas que há, realmente, entre a minha formação e a minha iniciação na docência, um desnível muito grande de referencial teórico profissional, isso é um fato.

Entrevistadores:

E como foi o processo de apropriação de uma rede com caráter mais regional?

Mirian Neves da Silva:

Ah sim, a rede regional. Não, eu acho que não foi um trabalho só meu. Essa construção se deu principalmente através da professora Eunice, que já estava há mais tempo no curso e que já conhecia várias instituições da região. Quando ingressei, em 2003, os alunos da primeira turma já estavam inseridos em alguns campos de estágio recém-abertos.

Os campos de estágio são instituições que atuam na área da assistência social e contam com profissional assistente social, disponível para exercer a supervisão local. Os campos não estavam só em Santa Cruz do Sul. Aos poucos foi se contatando mais instituições e profissionais para poder ampliar a rede e oferecer aos alunos mais alternativas para experiência prática da profissão. Então, aos poucos a gente ia conhecendo os locais e os profissionais da área. Eu acho que nesse momento de construção de uma rede de apoio para os estágios, faltou um pouco mais da participação da Universidade. Sei lá. “Olha, temos como parceiras tais, tais, e tais instituições”. Isso poderia ter aberto portas. E teria favorecido uma construção multidisciplinar de aprendizado da prática. Poucos projetos de extensão, por exemplo, envolviam professores de diferentes cursos. Lembro de um último projeto de extensão em que eu participei com colegas de outras áreas, que foi o Projeto de Inserção Comunitária, em 2010. Na ocasião, por se tratar de um projeto aberto a todos os cursos da

Universidade, se fez um levantamento de diversas instituições da região que poderiam receber os alunos para observação e inserção comunitária. Com isso, não foi preciso que cada curso fizesse particularmente essa busca. Porque a abertura de um campo de estágio demanda uma conquista de espaço, no qual acolham os alunos e que efetivamente promovam a orientação profissional.

A disciplina de estágio supervisionado em Serviço Social sofreu também alterações ao longo desses anos. Lembro de um fato curioso quando eu cheguei na UNISC: os supervisores de campo, que eram os profissionais do campo, eram remunerados por essa atividade. Eles não tinham vínculo nenhum com a Universidade, que naquele caso poderia ter enfrentado sérios problemas trabalhistas. Essa prática a gente conseguiu reverter. Deixar de pagar os profissionais, mas, ao mesmo tempo, oferecer a eles um ambiente dentro da Universidade onde pudessem fazer a discussão da prática profissional e da inserção dos alunos. Então, acho que foi em 2004, que nós criamos um fórum de supervisores de estágio, e esse fórum permanece eu acho que até hoje, não é professora Maira?

Maira Meira Pinto:

Sim. Ele permanece. Mudou um pouco o formato, porque a coordenação atual achou por bem que os alunos também participem. Então, antes era fórum de supervisores e eram discutidas questões que tocavam professores e supervisores de campo. Agora é um fórum de supervisão, que agrega questões relacionadas aos estudantes também. É o mais antigo, né Eunice?

Eunice Maria Viccari:

Sim. Mas eu penso que a inclusão dos estudantes não ocorreu por causa da coordenação atual, mas por causa da comissão de formação do conselho regional. Foi lá que ocorreu a discussão sobre a importância de os estudantes participarem dos fóruns.

Mirian Neves da Silva:

É, eu me lembro disso. A gente até insistiu que não houvesse essa participação, que houvesse outro fórum dos alunos, dos estagiários, porque ali era um espaço de qualificação também, do profissional. A gente trazia temas de interesse dos profissionais, e achava que seria até meio constrangedor estar o supervisor e o aluno na mesma qualificação. Mas, enfim, esse fórum nos aproximou mais da comunidade. Acho que todos os projetos de extensão que o curso desenvolveu aproximaram muito o curso da comunidade. A professora Maira, por exemplo, quantos anos ficou no bairro Bom Jesus trabalhando!? Eu fiquei ali na região do projeto Semear Amigos, então você se aproxima tanto da empresa que era patrocinadora, quanto da população que é atendida.

Penso que o curso de Serviço Social já tem por perfil essa relação com a comunidade, e precisa, para efeito de práticas acadêmicas, ter uma rede de atendimento, de prestadores de serviços. Você não atende uma questão social com uma única instituição, mas sim com várias. Então, você precisa se relacionar com várias. Eu acho que faltou um cadastro vivo, constantemente atualizado e que funcionasse para toda a Universidade, com esses possíveis recursos existentes. Acho que o nosso curso garimpou isso sozinho, seus parceiros, para abrir

esses espaços para seus alunos. Quer para estágio, quer para visita guiada, quer para visitas de observação. Isso era garimpo do curso mesmo, feito por professoras com pouca ou nenhuma carga horária para isso.

Entrevistadores:

Mas, Mirian, você vindo de fora, com todo acúmulo de uma atuação institucional, qual é a sua leitura (ou a leitura que construiu ao longo de sua atuação na UNISC) sobre o lugar do profissional do serviço social aqui na Região? Esses espaços são muito controlados pelas Prefeituras, por exemplo? Ou, na sua opinião, existem espaços com maior autonomia, com trabalhos distintos?

Mirian Neves da Silva:

É. Eu nunca me perguntei sobre isso, mas nunca percebi também nada que tivesse me chamado a atenção. Porque a grande área de atuação, que se mostrou na pesquisa que a gente fez com os egressos do curso, a grande área de absorção dos profissionais do Serviço Social era junto ao poder público municipal, nas prefeituras. Não sei se ainda isso permanece. Acredito que sim, frente às demandas do SUAS.

Embora as prefeituras abram espaços de trabalho, apresenta limitações, quer pelos desmontes que estão ocorrendo na própria política de assistência social, quer pela pasteurização de seus programas, que hoje obedecem mais a um centralismo, que a uma legítima municipalização. Hoje o SUAS tem todo um protocolo a ser seguido, usando a palavra da atualidade. São atendimentos, alguns programas e alguns projetos que estão sendo aplicados em todo país. Isso não abre margem para muita criatividade local. Então, nesse sentido eu não vi muita diferença.

Acho que no hospital, no caso, no Hospital Santa Cruz, espaço bastante próximo do curso, houve mais mudanças na direção do trabalho que vinha sendo feito, com ingresso de estagiários e, posteriormente, de profissionais formados pelo curso.

Entrevistadores:

Pensando em termos de Santa Cruz do Sul, o que era a implantação dos Centros? Como sabemos, se constituiu como política pública uma espécie de espaço público, na medida em que se cria o Centro de Referência e se cria, também, uma presença institucional da prefeitura nas comunidades. Bom, vocês do Curso acompanharam isso. De que maneira isso aparece em termos da própria repercussão no Curso? Em Santa Cruz do Sul tem o CRES e o CRAS, não?

Eunice Maria Viccari:

Mirian, penso que uma contribuição que você pode trazer é falar que, em 2005, quando a política nacional foi criada, a gente fez capacitações nos Vales. Eu penso que é legal você falar sobre.

Mirian Neves da Silva:

Isso mesmo, já ia esquecendo. A gente participou, em 2005, de uma reunião no Ministério da Previdência, lá em Brasília, representando a UNISC, visto que eles queriam fazer uma aproximação entre as universidades e os gestores municipais de assistência social na implantação do SUAS – Sistema Único de Assistência Social. A partir daí nós nos qualificamos naquele edital, para nos constituirmos em um Polo de Capacitação. Realizamos vários momentos de capacitação, eu não me lembro mais quantos, voltados à discussão e à proposição de estratégias de gestão, controle e financiamento. Isso se deu num período anterior à implantação dos CRAS e dos CRES, mas acredito que preparou os municípios para essas instalações.

As professoras do curso, assim como diversos colegas da Universidade, eram frequentemente convidados a participar de instâncias colegiadas de Santa Cruz, que são os Conselhos. Participamos no Conselho da Criança e do Adolescente e no Conselho Penitenciário. O Conselho Municipal da Criança e do adolescente é um Conselho deliberativo, e no caso de Santa Cruz do Sul era à época bastante atuante.

Atualmente, acredito que essas instâncias participativas estejam sofrendo retração, haja vista o descaso por parte do governo federal por essas instâncias, bem como pelo seu financiamento exclusivo, através dos fundos.

Entrevistadores:

Poderíamos aproveitar essa referência para uma pergunta sobre a inserção do Curso de Serviço Social na UNISC. Todo esse trabalho realizado a partir do Curso na Região, como ele repercute internamente. Há reconhecimento, inclusive sob o ponto de vista de ganhos políticos para a discussão acerca das dificuldades que ele enfrenta, principalmente vinculadas ao número reduzido de estudantes?

Mirian Neves da Silva:

Olha, eu acho que não era muito valorizado não. Eu acho que inclusive nunca foi valorizada essa visibilidade que a gente dava para a Universidade, através de cursos como esses que lembramos aqui, como também em nossa participação em diversas conferências municipais de assistência social e de direito da criança e do adolescente.

Éramos convidados como curso, mas nos apresentávamos enquanto UNISC. E a gente dava muita visibilidade para a Universidade na região. Em vários municípios a gente foi e tínhamos até um escalonamento: quem vai, onde e quando. Acho que nós não aproveitamos

politicamente esse fato, mesmo sendo um curso que sempre enfrentou dificuldades na captação de estudantes e contingente de professores.

Entrevistadores:

Falando em visibilidade do trabalho realizado e do próprio curso na UNISC, em sua avaliação o lugar que o Curso ocupa na estrutura da Universidade – ele sempre esteve vinculado ao Departamento de Ciências Humanas – repercute nas possibilidades de construção do trabalho realizado a partir do Curso?

Mirian Neves da Silva:

É. Eu acho que no momento da construção do curso foi muito importante a gente estar no Departamento de Ciências Humanas. Eu não estava presente nessa construção, mas eu sei que houve esse aporte, por parte dos demais professores, de vocês, ajudando nessa construção.

No entanto, me parece que não se manteve essa intensidade durante a condução. Eu acho que com o passar dos anos vocês nos tomaram como autônomas: “essas meninas já sabem o que querem, então vamos deixar na mão delas”. Então, senti que a gente ficou um pouco sem apoio, em alguns momentos. Tínhamos um bom convívio, concordância na distribuição das disciplinas, mas no trabalho de fortalecimento, nas lutas pela conquista de espaço político dentro da Universidade, ficávamos mais por nossa conta e risco. É essa a sensação que eu tenho. Não tenho mágoas por isso, mas é isso.

Entrevistadores:

E em algum momento na tua experiência na UNISC se discutiu a possibilidade de uma transferência do Curso para a área da saúde?

Mirian Neves da Silva:

Sim. Houve sim. Houve uma época em que a gente discutiu, em várias reuniões de colegiado. Eu mesma achava que a gente deveria ir para a área da saúde, porque fazia parte do grupo de profissões que o MEC considerava. E depois, quando o MEC não considerou mais, isso mudou. Mas havia divergências e contrariedades. Nunca houve consenso sobre essa ideia. Eu, em alguns momentos, fui favorável, mas não era por essa orfandade, digamos assim; era mais por uma acomodação dentro da perspectiva do MEC. Quem sabe a gente fica melhor na área da saúde, a gente tinha uma grande inserção no hospital, em instituições da área da saúde, muitos projetos de extensão se desenvolviam na área da saúde. Mas, depois a gente abandonou a ideia. E acho que ficamos bem, ficamos bem assim.

Entrevistadores:

Sempre houve oposição no Departamento de Ciências Humanas quanto à possibilidade do curso ir para outro Departamento.

Mirian Neves da Silva:

Pois é, mas agora vejam, o Departamento já é outro, foi para um caminho estranho, com essa integração de diferentes áreas. Vocês estão juntos inclusive com as ciências exatas, não?

Entrevistadores:

Ciências, Educação e Humanidades. O que tem em comum são os cursos de licenciatura. Então, de fato, essa construção nova é uma coisa que ninguém sabe exatamente para onde vai. Mas pelo histórico de vocês no Curso, aqui na UNISC, há um reconhecimento de que o Serviço Social compõe as Ciências Sociais na Universidade. E esse vínculo com as Ciências Sociais não é somente na UNISC.

Mirian Neves da Silva:

Eu não acompanho muito bem. Mas, de qualquer forma, há um encolhimento do curso em todas as Universidades. Imagino que na UNISC também, inclusive com discussão de outras modalidades de ensino.

Entrevistadores:

É um quadro bem crítico. Inclusive, em determinados momentos a existência do curso na modalidade EAD abre caminhos de redimensionamento ou até uma sobrevivência do curso dentro da instituição.

Mirian Neves da Silva:

Certamente outros cursos da Universidade estão migrando para o EAD, para efeito de sobrevivência.

Entrevistadores:

Ah, sim. Há uma ampliação de cursos e de áreas. Inclusive áreas que há pouco não se cogitava, como é o exemplo da Agronomia, das engenharias.

Mirian Neves da Silva:

Pois é. Mas acho que é lamentável. Como já coloquei no início dessa entrevista, se um grande número de cursos vai migrar para o EAD, então a própria Universidade vai deixar de ter

caráter comunitário. Porque daí você vai ter aluno do Amazonas, do Pará, do Paraná, todos fazendo o mesmo curso. E daí onde é que você trabalha o vínculo, o pertencimento regional, o desenvolvimento comunitário? Fica só na teoria? Não tem como, isso aí vai se perder. A Universidade passa a ser mais universal, digamos assim, porque dá acesso a quem quer que seja, onde quer que esteja, mas daí ela vai prejudicar essa visão que é a visão regional, que é histórica na trajetória da UNISC.

E, no caso do Serviço Social, penso que a gente sempre foi crítica quanto aos cursos na modalidade EAD, em razão dos estágios. Como é que você vai discutir uma prática profissional à distância? Não tem como. Quer dizer, até tem como, tem gente fazendo isso, mas é uma questão de concepção de formação e de atuação profissional.

Entrevistadores:

O curso aqui na UNISC já está fazendo isso....

Maira Meira Pinto:

Pois é. Agora no próximo módulo ingressa uma turma em estágio. Precisamos conversar sobre como é que serão realizadas as orientações. E tem uma questão importante, Mirian: o EAD da UNISC não é da UNISC. Ele é uma parceria com o Grupo A, sendo o material produzido por esse grupo. Não é uma produção nossa, professores da UNISC.

Mirian Neves da Silva:

Não acredito! Isso eu não sabia! O que é esse Grupo A? É um grupo que produz material para ensino à distância?

Entrevistadores:

É. As instituições compram aulas, num processo de terceirização. Foi uma escolha de algumas universidades comunitárias, que fizeram um consórcio e entraram em bloco na negociação com esse grupo. Tão logo estabeleceram acordo, o grupo instalou uma espécie de escritório na Instituição, para organizar os cursos. Tivemos uma fase de resistência, em função do material, da qualidade do material, mas, aos poucos, fomos nos adaptando.

Mirian Neves da Silva:

Mas daí o professor se responsabiliza em fazer seleção de material? Como é isso?

Entrevistadores

Isso. O professor faz a seleção dos conteúdos e faz a seleção de questões que vão ser do banco de questões avaliativas. Para esse trabalho, numa disciplina de 60 horas, ele recebe

Barbarói, Santa Cruz do Sul, n.59 - número especial, p.<213-238>, Ago./Set. 2021

oito horas. São mudanças que estão ocorrendo num período mais próximo e, talvez, se distancie da realidade que você vivenciou enquanto esteve aqui.

Aliás, nesse sentido, gostaríamos de ouvir suas percepções acerca das mudanças que ocorreram durante o período que aqui esteve. Sua passagem por aqui compreendeu os anos 1990, um período de dificuldades para o ensino superior comunitário, mas, também, os anos 2000, quando as políticas governamentais vinculadas ao ensino superior no País contribuíram para uma expansão do ensino privado e comunitário (pensando a importância de políticas como, por exemplo, o FIES).

Mirian Neves da Silva:

Bom. Essas mudanças que estamos falando, desde 2015, eu pouco acompanhei. Eu soube alguma coisa, conversei com colegas às vezes. Mas eu não tenho muito elementos para avaliar. Agora, eu estou muito surpresa com a existência de cursos inteiros por EAD, mais surpresa ainda de que a produção das disciplinas não é feita pelos docentes da Universidade. Eu acho, então, que o caráter de comunidade está se esgarçando. Que ele vai se deteriorar um pouco. Porque o comunitário é a ideia do pequeno, daquilo que é bom de se trabalhar por ser pequeno, daquele núcleo de pertencimento, seja local ou regional. E hoje em dia o que a gente está vendo é a tendência de se trabalhar com o macro. Eu acho que o sentido da universidade comunitária está se acabando. Até nessas nossas negociações. Quer dizer: um dos pilares da universidade comunitária (que eu aprendi na UNISC) é que é autogerida, mantém autonomia. Agora, se ela, para sobreviver, tem que se ancorar num grupo que produz as aulas para o EAD, então ela vai perdendo essa autonomia, essa criatividade que ela tinha, essa independência. Não sei em que ela pode se transformar. Porque pública ela não vai virar. O perfil comunitário não vai virar público, até porque eu acho que esse movimento parou. Eu me lembro que a gente tinha uma discussão, que o João Pedro encabeçava como nosso representante, para que a universidade comunitária tivesse mais o reconhecimento de uma universidade pública.

No período em que eu estive aí, eu sentia que a UNISC gradativamente estava declinando um pouco dessa sua presença comunitária, para ser mais institucional eu diria. Eu senti um declínio ao longo dos anos. A lembrança que eu tenho é que ela era mais comunitária no começo. Mas eu não saberia, seria uma leviandade eu avaliar agora, pelo fato de estar meio sem informação. Mas eu acho que a ideia inicial dela foi se perdendo ao longo do tempo. Talvez porque ela também tenha saído do foco no pequeno, e foi se ampliando com a criação de novos cursos. Não saberia com precisão, mas penso que esse processo não é novo.

Entrevistadores:

Vamos entrar na reflexão sobre os horizontes da profissão, na área do serviço social. Gostaríamos de conversar um pouco sobre como você entende que será a profissão de assistente social daqui para adiante. Uma perspectiva de futuro. Como é o desenho desse profissional em termos mais imediatos? É um desenho que, sob o ponto de vista da formação,

acompanha as mudanças que ocorrem nas próprias ciências sociais nas últimas décadas? Ou ainda resiste a determinados condicionantes, inclusive de ordem ideológica, que vinculam a área de formação a alguns referenciais principais, em especial à tradição marxista?

Mirian Neves da Silva:

Bom. Como eu disse anteriormente, eu me formei em 1970, num perfil de formação totalmente funcionalista. E logo percebi que, naquele contexto, a profissão era exatamente dessa forma, bem funcionalista na busca da resolução de problemas sociais. E isso depois, na década de 80 em especial, sofre mudanças, quando uma teorização vinda de um referencial marxista ganhou espaço. Mas esse novo fundamento não era muito próprio, de construção pelo Serviço Social. Não tínhamos, e ainda temos pouca tradição de produção acadêmica. Uma que outra autora que começa a trabalhar com o referencial marxista e produzir conhecimento. Mas, aos poucos esse referencial foi sendo apropriado pelas instituições que permeiam a profissão, quais sejam os Conselhos Regionais, o Conselho Federal de Serviço Social, e a Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social. Digamos que esse tripé é que rege e abastece os cursos de Serviço Social com essa ideologia marxista.

Durante minha passagem pelo curso, tivemos inúmeros embates, várias reuniões a propósito desse referencial. Eu penso que a professora Maira é uma grande defensora, assim como eu, da pluralidade no curso. Mas aí a gente se esbarrava nessas, digamos, patrulhas exercidas por instituições ligadas à profissão. O Conselho Regional, o Conselho Federal, que tentam homogeneizar o conhecimento dentro do referencial marxista. São espaços muito pouco abertos para a discussão. Eu acho que isso aí foi uma contraposição àquilo que era o mais funcionalista possível, que era da minha formação, e que vai, como todas as grandes oposições, exercer um momento de radicalização, para depois se transformar numa terceira via. Eu acho que tem pouca bibliografia específica para o curso, porque também tem muito pouca produção de pesquisa dentro dele. Eu vi, por exemplo, que o nosso curso aqui começou a fazer pesquisa em 2007, somente sete anos depois de ter iniciado. Enquanto isso, os demais colegas do DCH faziam pesquisas desde sempre. Poucos se dedicavam à extensão. Então, existe um próprio referencial teórico produzido, inclusive na própria universidade. E o Serviço Social, por ter construído muito pouco referencial, se escora nisso aí, digamos, para se proteger da patrulha ideológica da profissão. Mesmo que internamente sempre houve essa crítica, houve também essa dicotomia de pensamento entre os professores. Mas a despeito disso, o referencial teórico que se usava nas referências bibliográficas sempre foi o referencial marxista, única e exclusivamente. Depois das últimas alterações curriculares, quando foram introduzidas muitas disciplinas práticas de políticas setoriais específicas, acho que aí diversificou um pouco o referencial, tenho essa impressão.

Entrevistadores:

Por um lado, como você está colocando, a área do Serviço Social, inclusive através da atuação das entidades corporativas, se define pela hegemonia de uma determinada perspectiva teórico-metodológica. Mas, por outro lado, a experiência do Curso de Serviço

Social na UNISC sempre foi caracterizada pela presença de poucas professoras que, no limite, foram construindo, reformulando, ajustando a proposta político-pedagógica do Curso. Essa característica não permitiu, a partir da formação e dos interesses políticos e teóricos de vocês, movimentos de rupturas com a concepção hegemônica na área?

Mirian Neves da Silva:

Eu acho que a gente nunca fez frente para valer. Havia um debate interno e avaliações que a gente fazia sobre a grade curricular, mas nunca fizemos um enfrentamento direto com essas instituições que regem a categoria. Por quê? Não sei. Talvez por comodismo, talvez pelo número reduzido de professores.

De qualquer forma, penso que temos exemplos desses esforços. Um exemplo disso, que eu poderia citar, está vinculado às revisões curriculares realizadas. Em 2004, salvo engano meu, o curso contratou uma consultora externa, que era vinculada ao Conselho Federal. Bem, digamos que ela veio com uma cartilha, que era a consultoria que ela prestava para todos os cursos de Serviço Social no Brasil. As matrizes curriculares tinham que ter esse referencial bibliográfico. E a gente ficou pensando: “será que nós somos exceção por pensar o contrário, estamos erradas, então”?

Não é que exista uma incompatibilidade nossa com a adoção de um referencial que é hegemônico na profissão. Digamos assim, desde o conceito de justiça social, de inclusão social, nos interessa esse referencial, mas não só esse. Eu acho que a gente sempre brigou em função da exclusividade dessa adoção de pensamento. Tanto é que essa última mudança que nós fizemos na grade curricular, a última que eu participei, a gente privilegiou uma visão mais pluralista, mais complexa da realidade, em função das políticas sociais presentes no Brasil hoje. Então, eu acho que a gente conseguiu fazer um mix, a gente não viveu o tempo todo atormentado nem paralisado em função dos condicionamentos presentes na área.

Entrevistadores:

É um campo de luta. O problema é que, em um universo hegemônico, a oferta de bibliografia, por exemplo, fica mais restrita. Quando se abre alguma pauta, por exemplo a questão do feminismo, da pluralidade do desenvolvimento sociais, das relações complexas entre o urbano e o rural, então se percebe que quem está trabalhando essas questões são pessoas de outros países e que não necessariamente temos tradução. Mas em que pese essas dificuldades, a própria existência de um grupo pequeno de professores, nunca se deixou pensar na diversidade.

Mirian Neves da Silva:

É isso. Mas eu diria que era uma tradição muito mais imposta externamente do que internamente. Quer dizer, não é porque éramos poucas que a gente adotava isso, mas é porque tínhamos que dar, de fato, respostas a alguns níveis institucionais. Portanto, era mais cômodo que a gente aceitasse. Mas a tendência, que eu acho, é que isso se rompa. Já foi feito esse

embate, já foi feito esse confronto ideológico com a época da minha formação. E eu acho que agora a tendência é, realmente, a profissão se abrir para a pluralidade, para a complexidade da realidade social.

Agora, eu vejo que o Serviço Social no Brasil, um País tão marcado pelas desigualdades, tem que permanecer cada vez mais atuante, no centro das reflexões e das ações de todas as políticas sociais setoriais. Por outro lado, se não tiver, realmente, uma vontade política na direção de uma justiça social, nós não vamos ter mais objeto de ação. Assim, todo o empenho profissional deve estar dirigido à garantia de direitos sociais, não somente enquanto objeto de estudo, mas como pressuposto da cidadania.

Entrevistadores:

E como você avalia essa conjuntura mais recente no País, em especial a partir da ascensão no governo nacional de uma frente política conservadora, tendo à sua frente um Presidente que tem um histórico de defesa de saídas autoritárias para os problemas do País. Essa conjuntura repercute como na área do Serviço Social?

Mirian Neves da Silva:

Afeta muito, porque a noção de direito social, de política social está indo embora. Quer dizer, estão esquecendo que isso é assegurado pela Constituição. Tudo está virando de novo, uma política de favor. Essa história dos 600 reais, desse auxílio emergencial, está se transformando numa política de favor e circunstancial. Poderia ter sido tomada essa iniciativa pela própria política de Assistência Social, junto com o Ministério da Economia e do Planejamento, numa estratégia de continuidade, de garantia da renda mínima. Mas não. Virou, de novo, uma prática politiqueira. “Ah, eu vou dar mais 600, ou eu vou dar mais 300”, como se isso fosse um favor e não o papel protetivo do Estado, em casos de calamidade e exceção. Então, quer dizer, a grande maioria dos brasileiros está sofrendo muito.

Acho que o Serviço Social está muito escondidinho nessa pandemia do Covid 19, sabe? Penso que o Serviço Social, os assistentes sociais deveriam estar mais presentes nas pautas deliberativas. Você só ouve falar do pessoal da área médica, mas existe uma grande problemática social rondando essa pandemia. E o Serviço Social está muito calado nesse enfrentamento. Quem é que vem tomando a iniciativa são algumas organizações da sociedade civil, que estão preocupadas com os moradores de rua que não têm máscara nem esmola para se alimentar, que são os mais vulneráveis, os pobres, os índios. Então, você vê um grupo de artistas, de voluntários, preocupados com essas questões que o Serviço Social devia estar à frente, conduzindo. Na pandemia, o Serviço Social está faltando, está ausente. Então é isso, eu acho que até pela visão muito estreita, não está se dando conta de que a gente está num momento da sociedade que tem que existir uma nova reconstrução, para a qual o Serviço Social tem uma boa contribuição para dar.

Entrevistadores:

Mirian. Nós estamos aqui na UNISC com um projeto que propõe uma maior aproximação do Serviço Social com a educação escolar. Nesse momento, inclusive, está sendo organizado um módulo de um curso, que tem como objetivo problematizar a relação entre Serviço Social e a Educação. Gostaríamos de ouvir sua avaliação sobre essa possibilidade.

Mirian Neves da Silva:

É. Havia, inclusive, uma previsão legal de inserção do Serviço Social nessa área. No SUAS existe a exigência da presença do profissional nas equipes, mas, ao que eu saiba, isso não está acontecendo nas escolas.

Que a escola é uma instituição com inúmeras demandas e um espaço de trabalho fantástico para o assistente social, eu não tenho a menor dúvida. Agora, que isso seja viável nesse momento político, acho difícil. Mas é importante que o curso e os profissionais alavanquem reflexões sobre isso e exerçam pressão no sentido de efetivar a educação como um campo de trabalho prioritário.

Quando eu estava na ABMP – Associação Brasileira de Magistrados e Promotores de Justiça da Infância e Juventude, tive o privilégio de gerenciar um projeto de âmbito nacional, que se chamava “Pela Justiça na Educação”. Era um projeto de capacitação voltado aos magistrados e promotores de justiça do Brasil que se encontravam à frente da Vara da Infância e Juventude. Ao longo do projeto, foi se incorporando também a Defensoria Pública, englobando o chamado sistema de justiça. Esse projeto, que se materializava em encontros de três dias de duração, ocorreu nos vinte e sete estados e no Distrito Federal, e tinha por cenário o direito à educação. Sensibilizava e instrumentalizava os participantes, mostrando qual o papel que eles poderiam e deveriam ter no sentido de garantir esse direito a todas as crianças brasileiras. Pela Justiça na Educação foi um projeto de grande envergadura, desenvolvido durante um ano praticamente. E, ao seu término, gerou um Movimento, engrossado também por instituições parceiras como a UNDIME – União Nacional de dirigentes municipais de educação, os Tribunais de Contas dos Estados e o MPF – Ministério Público Federal entre outros parceiros.

Imagino que a partir do momento em que os assistentes sociais estiverem atuando fortemente na área da educação, junto às escolas, poderão também se organizar num movimento de defesa de direito, como foi esse.

Entrevistadores:

Talvez aqui tenha uma questão a pensar sobre o futuro da profissão. Que é o conjunto de atributos que o assistente social tem a partir do lugar onde ele está exercendo a sua atividade profissional. Seja no Ministério Público ou em qualquer outro lugar.

Mirian Neves da Silva:

Nosso curso ensaiou uma aproximação aí em Santa Cruz do Sul, junto à Coordenadoria Regional de Educação. Houve uma experiência inicial com a professora Sarita. Posteriormente, a professora Simone Rita elaborou um projeto de extensão sobre a evasão escolar, que era desenvolvido por bolsistas do Serviço Social e da Psicologia.

Foi uma experiência nucleada em uma escola, e lá se pôde constatar diversas demandas para essas duas áreas de formação profissional, que pressupunham a realização de trabalho com a família, visando o retorno do aluno. Não saberia dizer se existe registro sobre isso.

A meu ver, a principal atuação do assistente social na área da educação deve ser junto à família dos alunos, segmento para o qual estão habilitados a atender.

Entrevistadores:

Poderíamos conversar um pouco sobre o perfil dos estudantes de Serviço Social numa experiência de Universidade Comunitária. Em sua visão, Mirian, a experiência de realização de uma formação universitária numa Universidade Comunitária condiciona o perfil de profissional do Serviço Social?

Mirian Neves da Silva:

Olha, eu até levantei esse perfil numa pesquisa que desenvolvi entre 2012 e 2014. Anteriormente, em 2008, junto com a professora Eunice fizemos uma pesquisa que já apontava o perfil dos estudantes.

Recordando minha passagem pela UNISC, das aulas e do acompanhamento mais próximo dos alunos que tinha nas supervisões de estágio e nas orientações de TCC, lembro que seu perfil era fundamentalmente o de um aluno trabalhador, que precisava trabalhar para, inclusive, pagar o seu curso. Outra característica era que ele estava bastante espalhado pela região. Nesse levantamento que nós fizemos, o que se constatou é que durante a graduação eles eram oriundos de dezessete municípios da região. Então, o que é a comunidade? É toda essa região, Vale do Taquari, Vale do Rio Pardo? Porque eles não pertenciam todos a uma mesma comunidade geográfica. E quando se graduaram, os egressos foram para muito mais longe. Essas dezessete viraram trinta e quatro, trinta e cinco cidades onde eles passaram a morar. Acho que isso diz um pouco do perfil do aluno e do egresso, que colocam em primeiro lugar a oportunidade de trabalho, em detrimento de sua permanência na comunidade de origem. Há, assim, uma diáspora dos alunos quando ingressam no mercado de trabalho como assistentes sociais.

O que mais lembro do perfil? Eu diria, assim, que era bem heterogênea a formação anterior. A gente tinha alunos que ingressavam no curso com uma bagagem do ensino médio razoável. Outros que vinham de cursos supletivos e EJA. E tinha aluno inclusive com deficiências mentais. Eram, nesses casos, situações complexas. O estudante entra através do vestibular e o

curso tinha que dar conta da qualificação de uma pessoa que não tinha a menor condição cognitiva e emocional para ser um profissional da área. Mas teve uma estudante que se formou. Levou o dobro, o triplo de anos, mas se formou. Então, eu acho assim: a Universidade não faz muita exigência no ingresso do aluno. E isso eu acho que é um problema. Então, com isso a gente lidou com uma diversidade muito grande de alunos em termos de formação básica. E aí o resultado também foi heterogêneo. Acho que falta um pouco mais de critérios e rigor na seleção, se quisermos ter egressos qualificados e engajados. Eu fui uma aluna de curso noturno, que também trabalhei durante toda a minha formação, e sei como é que é. A gente deixa a desejar, não tem toda a energia que se pede. Então, se pede menos, já que a pessoa não pode dar mais que aquilo.

Vocês me perguntam se é possível identificar uma forma de atuação do profissional de Serviço Social da UNISC, que esteja vinculado ao fato de sua formação ter se dado em uma universidade comunitária. Não sei. Quer dizer, nessa pesquisa que a gente fez, em nenhuma das questões a gente abordou isso. Até abordamos um pouco a questão de participação em instâncias deliberativas, por exemplo, quais são os nichos de participação que lhe pertencem no exercício profissional, e até foi uma coisa legal. A gente percebeu que a maioria dos profissionais participava em conselhos, seja da criança e adolescente, seja da assistência social. Esse fato pode sugerir hipóteses: será isso um indício da cultura de uma universidade comunitária? Ou estar participando é simplesmente uma imposição inerente ao posto que ele está ocupando? Não sei. Mas, de toda forma, se constatou vários nichos de participação interessantes, de inserção na comunidade. Além do espaço profissional, havia inserção em espaços políticos.

Agora, não sei se a gente conseguiria tirar um perfil puro, cristalino, comparando nossos ex-alunos com egressos de uma universidade particular, ou de uma universidade pública. Ou mesmo egressos do Ensino à Distância. Não sei se a gente poderia tirar esse perfil. Porque daí o fato do processo seletivo da UNISC ser fraco (pelo menos no nosso curso eu sentia que era), não tem nada a ver com o fato de ela ser comunitária ou não ser. Então, por exemplo, passar no vestibular de Serviço Social da UFRGS, que é mais rigoroso, vai apontar o perfil de um aluno que tem uma formação básica mais sólida do que pode eventualmente aparecer na UNISC. Então, é difícil a gente fazer essa pesquisa, enfim, comparando o perfil de alunos com formação básica diferente. Eu acho difícil. Seria bom, pois se a Universidade é comunitária e o curso tem preocupações com as comunidades, então é necessário pensar essa relação.

Entrevistadores:

E o lugar das Humanidades dentro da formação universitária e, também, no caso da formação profissional em serviço social. A gente transita atualmente a partir de leituras feitas em termos de perspectivas para o campo das Humanidades na formação profissional. E, fundamentalmente, na medida em que a gente está falando de um curso que demanda muita técnica, ou seja, o curso de Serviço Social é um curso com uma grande base

instrumental. Então, como se coloca o espaço das humanidades nesse componente, mesmo com todas as exceções que se tem, em termos de grade curricular, etc. Como você entende isso? Porque esse contingenciamento, também, não é uma particularidade da UNISC. Quer dizer, que tipo de profissional está saindo aí? E o que tem aparecido de alternativas, inclusive, de adensamento dessa leitura?

Mirian Neves da Silva:

Eu acho que é fundamental que as humanidades continuem na formação do assistente social. Talvez, com uma amplitude maior de algumas disciplinas a partir de áreas temáticas e instrumentais. Por exemplo, Antropologia. Essa disciplina abre um leque muito grande de leitura da realidade social e acho fundamental que o curso a mantenha. Ao mesmo tempo, vejo que ela precisa estar aberta para discussão de vários segmentos e recortes: questões de gênero, etnia, raça, violência, etc. A Antropologia social eu não sei se dá conta de tudo isso atualmente. Mas poderia estar presente de maneira transversa, nas disciplinas de instrumentalização ou de políticas sociais.

A filosofia também deve permanecer, com a questão da ética, que poderia ser transversa à ética profissional.

Penso que essas disciplinas das humanidades não deveriam estar no ano inicial do curso. Para quem entra com a visão de que vai se qualificar para atuar numa profissão interventiva, elas ficam um pouco deslocadas, fica um pouco chocante. Pode acontecer até que a pessoa não tenha noção de que isso é importante na formação dela. Isso é a memória que eu tenho da nossa grade curricular, pode ser até que hoje em dia ela esteja alterada, mas eu acho que as Humanidades não podem ser o cartão de visita do curso, elas precisam estar permeando o curso, presentes no seu desenrolar, ou integrada às demais disciplinas.

Entrevistadores:

Essa questão levanta uma reflexão muito importante, inclusive atual na UNISC. Por um lado, a discussão de quais áreas do conhecimento que fazem parte da formação humanística na Universidade. Por outro lado, como trabalhar essa formação nos diferentes cursos e áreas do conhecimento. Se essa formação deve ocorrer a partir das tradições disciplinares ou se são temas que podem ser incluídos dentro de uma perspectiva de formação transversal. E você indica algo importante: sua percepção de que, muitas vezes, o momento de disciplinas vinculadas às humanidades é deslocado. Seja porque está no início do curso, seja porque têm pouco diálogo com o próprio curso. Qual é a sua avaliação sobre o que se está fazendo aqui na UNISC, a partir de um projeto de “reinvenção pedagógica”, num movimento que relativiza as tradições disciplinares e propõe uma formação dentro de uma perspectiva da transversalidade?

Mirian Neves da Silva:

Eu acho ótimo. Não sei como se operacionaliza isso, mas eu acho que é muito bom. A gente tentou fazer isso em algumas disciplinas. A transversalidade do instrumental com o teórico, mas nas disciplinas específicas da profissão, com a política daquela área. Mas eu acho que seria ótimo fazer essa transversalidade em tudo e, para isso, acho que teria que ter uma construção conjunta de ementas, de planos pedagógicos. Tem que ser feito com vários professores. Na verdade, o que aconteceu com o Serviço Social? Todo o projeto pedagógico era construído ou refeito por nós. Eram os professores assistentes sociais fazendo para os assistentes sociais. Certamente, o mesmo acontecia em outros cursos: os sociólogos fazendo para as Ciências Sociais. A gente não trabalhava a transversalidade, mesmo que como resultado final, a grade curricular, contemplasse a participação de profissionais de várias áreas. Quer dizer que vocês estão trabalhando nessa linha, então? Que bom.

Entrevistadores:

As questões estão postas. Eunice e Maira, vocês têm mais alguma questão que entendem importante para complementar?

Eunice Viccari:

Sim, eu tenho. Eu gostaria de dizer que quando a Mirian se refere ao EAD, eu quero dizer que não sou mais contra o EAD. Eu já fui contra. Inclusive, a experiência que eu tenho com os alunos do EAD tem me mostrado possibilidades que, às vezes, eu não encontro no presencial. Não sempre, às vezes. E eu, por isso, não sou contrária. Acho que depende do EAD, acho que tem possibilidades e limites em cada uma das modalidades. Essa é uma questão que eu queria mencionar. Eu não defendo incondicionalmente o presencial. Depende de como é realizado o presencial ou o EAD. São formas que vêm se colocando no atual momento e depende também. O EAD pode se constituir numa das possibilidades de inclusão bem significativa. Eu vejo alguns alunos do EAD, que têm participado nas aulas, muito participativos, estudiosos. Eu diria que há possibilidades e limites em cada uma das modalidades.

Mirian Neves da Silva:

Mas na Medicina, pode estar certa de que não vai chegar o EAD nunca. Não vai. Entendo sua colocação, mas penso que no ensino à distância se perde em outros aspectos, sobretudo no convívio entre e com os estudantes. Não tem coisa mais mágica do que o convívio universitário. Eu acho que é uma beleza essa época, a juventude deles, e a nossa sempre se renovando. Vejo o ensino virtual como um meio frio, mas não posso ser categórica, porque não vivenciei esse momento, exceto em algumas aulas dadas por EAD, mas nesse caso, para as alunas do presencial.

Maira Meira Pinto:

Eu penso que, a partir disso que foi falado, eu nunca fui contra o EAD. Acho que fui a única que, desde o início, teve essa posição. A questão é como ele é feito. E aí, Mirian, você não

está mais aqui com a gente, como professora, mas o papel, digamos assim, que o professor ocupa na maneira como é feito o EAD na UNISC e o papel que a gente ocupa no curso presencial, são questões muito diferentes. Mas também não vou polemizar. Mas, de fato, alguns colegas não tiveram escolha no sentido de ir para EAD. Na verdade, o curso não teve escolha. É o que foi dito: “a UNISC comprou um pacote e existe a previsão de que vocês ingressem nesse pacote”. Bom, e aí ingressamos. E é como a Eunice fala: tem uma série de limites, mas existem possibilidades que são bastante desafiadoras, tendo em vista o modelo de EAD que a UNISC adotou. Mas claro, em termos de alunos, vão ter potencialidades em ambos os formatos, digamos assim. Porque independe do formato e depende da pessoa. A pessoa pode querer muito estudar e, por questões inúmeras, ter de ser privado desse convívio universitário que estamos falando. Mas ela pode ter outros convívios, que podem também enriquecer a experiência à distância. Acho que isso é mais subjetivo mesmo.

Mirian Neves da Silva:

É, realmente, eu tenho essa lembrança de que a gente fez algumas aulas em EAD, então eu cheguei até a vivenciar isso. Agora, o curso é o que me assusta. Quer dizer que não é em função da quarentena?

Entrevistadores:

É importante destacar que a experiência do curso de Serviço Social da UNISC tem um “vício de origem”. Ele questiona a autonomia universitária. Não é uma questão de ir contra ou a favor de cursos na modalidade EAD. O que é importante é pensar qual é o espaço político da comunidade acadêmica e científica na construção de um projeto de um curso em EAD. A questão está vinculada aos sujeitos que têm esse poder. A Maira acabou de dizer que, no caso específico da UNISC, não houve esse poder. Que foi um projeto que veio de fora, chegou até aos professores através da Reitoria e foi dito assim “não tem escolha, não tem discussão, é isso que cabe fazer”. E isso é romper com qualquer capacidade, inclusive, de reflexão crítica desse processo. Um risco grande é que esse período de pandemia contribua para que esse projeto avance ainda mais.

Maira Meira Pinto:

Só para esclarecer duas coisas para a Mirian. Primeira, a gente tem ainda um resquício de alunos no curso presencial (que, atualmente, está sendo feito remotamente, em razão da pandemia). Segunda, o curso EAD está em funcionamento desde o ano passado. Então, a gente tem as duas modalidades digamos assim: presencial, que atualmente está remoto em função da pandemia e que agora vai ter retorno de estágios e práticas; e o EAD, que está em funcionamento.

Mirian Neves da Silva:

Agora eu entendi. E o que fazer com todo esse patrimônio? Se tudo vai ser EAD...

Entrevistadores:

Professora Mirian. Gostaríamos de agradecer muito sua disponibilidade, sua participação e suas contribuições para esse projeto que objetiva registrar e refletir sobre a história do Departamento de Ciências Humanas na UNISC. Aproveitamos, também, para agradecer as participações das professoras Maira e Eunice. Sabemos que, juntas, vocês três tiveram e têm uma participação decisiva na história do curso de Serviço Social na UNISC. Muito obrigado.

Mirian Neves da Silva:

Foi muito bom rever e falar com vocês. Dá saudades desse tempo de convívio na UNISC. Foi gostoso lembrar. Eu até pensei que não ia lembrar de tanta coisa ...

SOCIAL SERVICE IN AN EXPERIENCE OF COMMUNITY UNIVERSITY.**Abstract:**

In the interview, the teacher Mirian Neves da Silva reports aspects of her professional career at the University of Santa Cruz do Sul, especially her participation as a teacher and coordinator of the Social Service Course. It is a report that proposes reflections about the difficulties and actions involved in building a Social Service course at a Community University. But it goes further, also expressing necessary concerns about the changes that occur in the organization of university teaching in Social Work, in a context of technological innovations and a tendency to increase the participation of distance education at the University.

Keywords:

Social Work, Community University, Community Insertion, EAD.

Sobre os autores:

Mirian Neves da Silva é graduada em Serviço Social pela Faculdade Paulista de Serviço Social, com Mestrado em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Foi professora na Universidade de Santa Cruz do Sul, onde atuou no curso de Serviço Social, inclusive como Coordenadora do curso. Durante o período em que atuou na UNISC realizou atividades de pesquisa, de extensão e de ensino nas áreas de planejamento, execução e avaliação de políticas públicas, com ênfase nas políticas de assistência social e nas políticas de proteção integral de crianças e adolescentes.

César Hamilton Brito de Goes é graduado em Ciências Sociais, Mestre e Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É Professor e Pesquisador na UNISC (Universidade de Santa Cruz do Sul), onde atua no Departamento de Humanidades, Ciências e Educação.

Marco André Cadoná é graduado em Filosofia, Mestre em Sociologia (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e Doutor em Sociologia Política (Universidade Federal de Santa Catarina). Professor e Pesquisador na UNISC (Universidade de Santa Cruz do Sul), onde atua no Departamento de Humanidades, Ciências e Educação e no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional.